UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

GABRIEL GOMES DA SILVA

A GEOGRAFIA DO **ADOECIMENTODOCENTE** EM ESCOLAS ESTADUAIS DE JOÃO PESSOA (PB).

JOÃO PESSOA
2025

GABRIEL GOMES DA SILVA

A GEOGRAFIA DO **ADOECIMENTODOCENTE** EM ESCOLAS ESTADUAIS DE JOÃO PESSOA (PB).

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia, do Departamento de Geociências, do Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de licenciado em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina de Oliveira Marques

JOÃO PESSOA
2025

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586g Silva, Gabriel Gomes da.
A geografia do adoecimento docente em escolas estaduais de João Pessoa (PB) / Gabriel Gomes da Silva. - João Pessoa, 2025.
39 p. : il.

Orientação: Ana Carolina de Oliveira Marques.
TCC (Curso de Licenciatura em Geografia) - UFPB/CCEN.

1. Adoecimento docente. 2. Licença médica. 3. Professor de Geografia. 4. Saúde do trabalhador - João pessoa. I. Marques, Ana Carolina de Oliveira. II. Título.

UFPB/CCEN CDU 91(043.2)

Elaborado por Josélia Maria Oliveira da Silva - CRB-15/113

ANEXO 02

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GEOGRAFIA

Resolução N.02/2021/CCBLG/CCEN/UFPB

Componente curricular: Trabalho de Conclusão de Curso - TCC
Período: 2025.1
Professor Responsável: ANA CAROLINA DE OLIVEIRA MARQUES

FORMULÁRIO DE APRESENTAÇÃO DO TCC

Aluno: GABRIEL GOMES DA SILVA
Título do TCC:

A GEOGRAFIA DO ADOECIMENTO DOCENTE EM ESCOLAS ESTADUAIS DE JOÃO PESSOA(PB)

Modalidade: ( ) Monografia ( ) Relatório Final dos Estágios Supervisionados de Ensino (X) Artigo científico

Professor Orientador: ANA CAROLINA DE OLIVEIRA MARQUES

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA CAROLINA DE OLIVEIRA MARQUES
Data: 07/10/2025 08:18:53-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Assinatura do Professor Orientador

Data da Apresentação do TCC: 03 / 09 / 2025
Horário da Apresentação: 19 HORAS
Local da Apresentação: AUDITÓRIO DE GEOCIÊNCIAS - DGEOC
(Reservas de salas deverão ser feitas no Departamento de Geociências)

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA
(Nomes por extenso com respectiva titulação)

Coorientador (Caso exista)

Documento assinado digitalmente
gov.br LENILTON FRANCISCO DE ASSIS
Data: 07/10/2025 16:17:22-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Membro Interno Obrigatório (Professor vinculado ao Curso)
LENILTON FRANCISCO DE ASSIS - DOUTOR EM GEOGRAFIA

Membro Interno ou Externo
JOHN CARLOS ALVES RIBEIRO- MESTRE EM GEOGRAFIA

Documento assinado digitalmente
gov.br JOHN CARLOS ALVES RIBEIRO
Data: 07/10/2025 09:00:53-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho representa não apenas o encerramento de uma etapa acadêmica, mas também a materialização de um ciclo de aprendizados, desafios e conquistas. Agradeço, primeiramente, a Deus, pela saúde, força e sabedoria para enfrentar cada desafio ao longo dessa jornada. Aos meus familiares, minha mãe, meu irmão e minha avó pelo carinho e apoio incondicional em todos os momentos, inclusive nos mais difíceis.

Agradeço à minha orientadora Prof. Dra. Ana Carolina de Oliveira Marques, pela dedicação, disponibilidade, rapidez, orientação técnica e por acreditar neste trabalho desde o início. Aos professores e colegas de curso, que contribuíram para minha formação intelectual e pessoal, com debates ricos, críticas construtivas e amizade verdadeira.

À Primeira Regional de Ensino, por oferecer os meios necessários para o desenvolvimento deste trabalho. Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, fizeram parte desta trajetória e tornaram possível a realização deste sonho.

EPÍGRAFE

"O sucesso é ir de fracasso em fracasso sem perder o entusiasmo."

— Winston Churchill

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o adoecimento de professores de Geografia nas escolas estaduais do município de João Pessoa (PB), considerando as licenças médicas ocorridas no segundo semestre de 2024. A partir de uma abordagem mista e do levantamento de dados junto aos gestores escolares, foram identificados os principais fatores que contribuem para o afastamento docente. A pesquisa buscou evidenciar a dimensão territorial do fenômeno por meio da produção de mapas temáticos, destacando a distribuição espacial das escolas e dos casos de afastamento. Os resultados apontam para a necessidade urgente de políticas públicas voltadas à saúde mental e às condições de trabalho docente.

Palavras-chave: Adoecimento docente. Licença médica. Professor de Geografia. João Pessoa; Saúde do trabalhador.

ABSTRACT

This article aims to analyze the illness of Geography teachers in state schools in the municipality of João Pessoa (PB), considering the medical leaves that occurred in the second half of 2024. Using a mixed approach and data collection from school managers, the research identified the main factors contributing to teacher absenteeism. The study also sought to highlight the territorial dimension of this phenomenon through thematic maps showing the spatial distribution of schools and leave records. The results indicate the urgent need for public policies focused on mental health and working conditions for teachers.

Keywords: Teacher illness. Medical leave. Geography teacher. João Pessoa. Workers' health.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Distribuição espacial das escolas estaduais em João Pessoa (PB)… 10
Figura 2. Distribuição dos casos de afastamento docente por bairro em João Pessoa (PB). 28
Figura 3. Escolas com Registros de Afastamento de Docente de Geografia na Rede Estadual. . 29
Figura 4. Distribuição Espacial dos Afastamentos Docentes nas Escolas Estaduais de João Pessoa (PB). ..... 30 **Gráfico 1**. Número de escolas por regime: parcial x integral… ..... 20 **Gráfico 2.** Proporção de afastamentos por gênero (intensidade de adoecimento). ..... 22 **Gráfico 3.** Taxa proporcional de afastamento por componente curricular… ..... 24 **Gráfico 4**. Afastamentos por tipo de escola (absoluto). ..... 26 **Gráfico 5.** Intensidade de adoecimento por tipo de escola (%). ..... 26 **Gráfico 6.** Distribuição percentual das causas de afastamento docente na (ocorrências isoladas). ..... 32 **Tabela 1.** Quantidade de registros de afastamento por bairro… 29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GRE - 1ª Gerência Regional de Educação

PNE - Plano Nacional de Educação

NEM - Novo Ensino Médio

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO… **10**

2. METODOLOGIA… **12**

3. ENTRE O CHÃO DA ESCOLA E O PESO DAS REFORMAS: ..... CAMINHOS TEÓRICOS PARA ENTENDER O ADOECIMENTO… **13**

4. EDUCAÇÃO, TERRITÓRIO E REFORMA… **14**

5. A GEOGRAFIA COMO LEITURA DO MUNDO E ESPAÇO DE RESISTÊNCIA… **15**

6. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA… **16**

7. RESULTADOS E DISCUSSÃO… **17**

7.1. Panorama geral das escolas participantes… 17

7.2. Total de professores e volume de afastamentos… 18

7.3. Distribuição por gênero… 19

7.4. Afastamentos por componente curricular… 20

7.5. Comparação entre escolas de tempo parcial e integral… 21

7.6. Territorialidade e concentração dos afastamentos: o espaço urbano ..... como expressão das desigualdades educacionais… 23

7.7. Natureza dos afastamentos… 26

7.7.1. Análise por tipo de causa (ocorrências isoladas). 27

7.7.2. Afastamento por múltiplas causas… 28

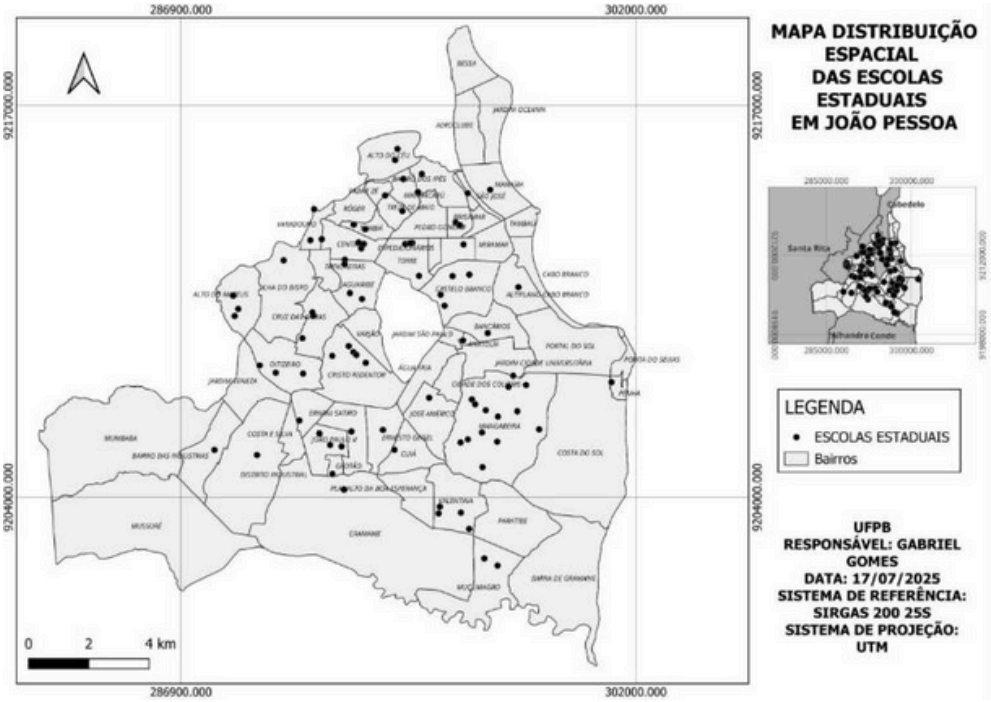
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS… **28**

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS… **30**

1. INTRODUÇÃO

O adoecimento de professores nas redes públicas tem se tornado cada vez mais evidente, refletindo diretamente na rotina das escolas e na saúde física e mental desses profissionais, com destaque para as escolas estaduais localizadas na cidade de João Pessoa (PB), representadas na figura 1. A partir do segundo semestre de 2024, constatou-se um aumento significativo nos afastamentos por licenças médicas, especialmente entre docentes da área de Geografia. Sintomas como estresse, ansiedade, depressão e esgotamento físico e mental tem se intensificado, comprometendo o bem-estar dos professores e impactando diretamente o cotidiano escolar. Essa realidade evidencia não apenas as fragilidades estruturais das condições de trabalho docente, mas também a carência de políticas públicas voltadas para a saúde mental dos profissionais da educação.

Figura 1. Distribuição espacial das escolas estaduais em João Pessoa (PB).



Elaboração: Autor com base em dados da SEECT-PB (2024).

A cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, possui uma rede estadual de ensino composta por dezenas de unidades escolares distribuídas em diferentes bairros e realidades socioespaciais. Em um contexto de diferentes demandas pedagógicas, carência de estrutura adequada e sobrecarga profissional, torna-se fundamental investigar o cenário do adoecimento

docente nesse território específico. A escolha por João Pessoa justifica-se não apenas pela concentração de escolas e professores da rede estadual, mas também por se tratar de um espaço onde se observam desigualdades socioeconômicas que atravessam o cotidiano escolar e potencializam os fatores de adoecimento entre os educadores.

A escolha por estudar esse tema surgiu a partir da minha vivência enquanto estudante de Geografia e, ao mesmo tempo, por trabalhar na rede estadual de ensino da Paraíba diretamente com as escolas. Ao longo da formação acadêmica, tive a oportunidade de acompanhar debates sobre a valorização docente e participei de ações ligadas à educação pública. Mais recentemente, desenvolvi um formulário que foi respondido por gestores escolares da rede estadual de João Pessoa, com o objetivo de investigar a quantidade de professores que solicitaram licença médica no segundo semestre de 2024. Ao analisar essas respostas, percebi a importância de olhar com mais atenção para as causas desse adoecimento
e como elas estão ligadas a organização do trabalho nas escolas.

Este trabalho tem como foco principal o adoecimento docente nas escolas estaduais de João Pessoa, com atenção especial aos professores de Geografia. A escolha por essa área é para entender qual será a situação em que os meus futuros colegas de profissão estarão em relação a condições de trabalho e saúde. Os professores dessa disciplina têm enfrentado desafios específicos no contexto da reforma do ensino médio, especialmente a intensificação do controle sobre o trabalho docente e a responsabilização por disciplinas/conteúdo fora de sua área de formação.

A relevância deste estudo se justifica pela necessidade de discutir as condições de trabalho dos professores da rede estadual e de trazer dados concretos que possam contribuir para a construção de políticas públicas mais efetivas à saúde e ao bem-estar dos docentes. Através da análise geográfica do adoecimento, espera-se ampliar o debate sobre a valorização do professor, principalmente no contexto das mudanças recentes na estrutura e organização do ensino. Diante desse cenário, este trabalho tem como objetivo geral realizar uma leitura geográfica do adoecimento docente nas escolas estaduais do município de João Pessoa. A partir da análise de dados fornecidos pelos gestores escolares, buscou-se compreender como esse adoecimento se manifesta em diferentes regiões da cidade, relacionando às condições de trabalho, às transformações recentes no currículo e as desigualdades estruturais que atravessam o cotidiano dos professores, em especial os de Geografia.

Este estudo se organiza em cinco partes. Após esta introdução, apresento a metodologia utilizada, seguida pelo referencial teórico que dialoga com autores como Paulo Freire, Miguel Arroyo, Katuta e Mészáros. Na sequência, foi realizada a análise dos dados, mapeando e interpretando os principais indicadores do adoecimento docente. Por fim, trago as considerações finais, com apontamentos para a valorização do trabalho docente e possíveis caminhos para a construção de políticas públicas eficazes.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma abordagem metodológica mista, de caráter quantitativo e qualitativo, com ênfase na leitura geográfica dos dados sobre o adoecimento docente. A escolha por essa abordagem se deu pela necessidade de compreender o adoecimento não apenas como um dado estatístico, mas como um fenômeno que se manifesta e se espacializa nas escolas e territórios da cidade.

A base da pesquisa é composta por dados secundários fornecidos pela 1ª Gerência Regional de Educação (GRE) da Paraíba, coletados junto aos gestores escolares da rede estadual de ensino de João Pessoa. As informações referem-se à ocorrência de afastamentos por licença médica entre professores durante o segundo semestre de 2024, com destaque para os casos que envolvem docentes da disciplina de Geografia. Os dados foram sistematizados em planilhas eletrônicas, organizados por escola e bairro.

A leitura e interpretação desses dados partem da compreensão do território como um espaço vivido, conforme apontado por autores como Milton Santos (1996) e Souza (2013), que defendem a ideia de que o território é também um campo de disputa simbólica, política e afetiva. Assim, cada escola foi analisada como ponto singular dentro de uma rede maior, onde se desenham relações de trabalho, condições de permanência e expressões do sofrimento docente.

Ainda que não tenham sido realizadas entrevistas com os professores adoecidos, a coleta de dados junto aos gestores permitiu uma visão ampla e representativa da realidade enfrentada nas unidades escolares. Tal escolha metodológica se justifica tanto pelos limites institucionais quanto pela necessidade de garantir o sigilo das informações pessoais dos profissionais. A análise dos dados foi organizada de forma integrada, por meio de tabelas, gráficos e mapas temáticos elaborados com o apoio de ferramentas de geoprocessamento.

O primeiro mapa apresentado no trabalho (Figura 1) mostra a distribuição espacial das escolas estaduais em João Pessoa, permitindo visualizar a cobertura territorial da rede pública de ensino. Em seguida, a figura 2 apresenta concentração desses casos por bairro, a figura 3 destaca as escolas que registraram afastamentos de professores de Geografia no segundo semestre de 2024, compondo o recorte espacial da pesquisa, e a figura 4 tem o objetivo de detalhar a distribuição dos afastamentos por escola.

Os dados foram analisados com base em frequências absolutas e relativas, agrupando-se as informações por número de afastamentos, localização e disciplina. Essa análise permitiu identificar padrões territoriais de adoecimento, desigualdades entre regiões da cidade e que exigem maior atenção da gestão pública.

Reconhece-se, por fim, como limitação da pesquisa, a ausência de relatos diretos dos professores, o que impossibilita a construção de narrativas subjetivas sobre o adoecimento. No entanto,a escolha por trabalhar com dados sistematizados permite uma visão mais ampla e objetivada dinâmica do problema, mantendo o compromisso com a realidade concreta das escolas.

3. ENTRE O CHÃO DA ESCOLA E O PESO DAS REFORMAS: CAMINHOS TEÓRICOS PARA ENTENDER O ADOECIMENTO

A partir da metodologia adotada, é possível aprofundar a discussão sobre o lugar da escola na produção do adoecimento. Neste capítulo, discutiremos as transformações no trabalho docente e o papel das reformas educacionais nesse processo.

O adoecimento de professores e professoras não é uma questão isolada. Ele deve ser compreendido como parte de um processo mais amplo de desvalorização do trabalho docente e de intensificação das exigências sobre o corpo e a mente daqueles que atuam nas escolas públicas. Vivemos um tempo em que o cansaço, a ansiedade, a frustração e a desistência dos educadores se naturalizam como parte da rotina escolar, sem que isso seja compreendido como uma questão política e estrutural. Pensar sobre saúde docente exige, portanto, ir além da dimensão clínica e abordar as condições concretas em que o trabalho educacional se realiza. Segundo Katuta (2015, p. 44), "a precarização das condições de trabalho na escola pública adoece o professor não só pelo excesso de tarefas, mas pela negação cotidiana do sentido de sua prática

De acordo com dados do Censo Escolar 2023, aproximadamente 61% dos professores da rede pública estadual são efetivos, com formação superior em licenciatura. No entanto, é comum que esses docentes atuem em mais de uma escola, ampliando sua carga horária semanal para além de 40 horas, muitas vezes sem condições adequadas de trabalho. A presença de múltiplos vínculos e a sobreposição de funções agravam o cenário de desgaste profissional (INEP, 2023)

A escola pública brasileira tem sofrido impactos profundos das políticas neoliberais, que promovem o enxugamento do currículo, a sobrecarga administrativa e a conversão da educação em resultado. Nessa lógica, o professor torna-se um operador de tarefas, e não mais um educador comprometido com a formação humana. Isso produz não apenas insatisfação, mas sofrimento ético-político, como nomeiam Franco e Merhy (2003), ao se referirem à dor de não poder realizar o trabalho tal como se acredita que ele deva ser feito. Como aponta Arroyo (2004): "Quando o professor não pode mais criar, escolher, experimentar, dialogar, ele adoece. Porque lhe é tirado o direito de ser sujeito do seu fazer pedagógico."

A análise da Campanha Nacional pelo Direito à Educação (2023) sobre o Plano Nacional de Educação - PNE revela a persistência de metas não cumpridas, especialmente em relação à valorização do magistério, apontando que os avanços têm sido mais formais do que

efetivos, o que contribui para o esgotamento docente. Esse adoecimento não se dá de forma homogênea. Ele assume formas e intensidades diversas conforme as condições das escolas, a estrutura física, o entorno social e o lugar que a escola ocupa no espaço urbano. O território não é apenas o “onde”, mas parte do processo, como veremos ao longo da análise.

4. EDUCAÇÃO, TERRITÓRIO E REFORMA

No espaço escolar existem disputas que vão além do currículo e da rotina pedagógica. A escola pública tem sido um dos principais alvos das reformas neoliberais no Brasil, que aprofundam a lógica da produtividade, da padronização e da fragmentação dos saberes. Essas mudanças têm impactos profundos no cotidiano dos professores, alterando não apenas o conteúdo do trabalho, mas o próprio sentido de ser docente.

Entre os principais marcos dessa ofensiva está a Reforma do Ensino Médio, instituída pela Lei 13.415/2017, que promoveu a ampliação da carga horária, a implementação dos itinerários formativos e a redução da carga horária de disciplinas da Formação Geral Básica,

como a Geografia. Essa redução afeta diretamente os professores dessa área, gerando instabilidade contratual, insegurança profissional e esvaziamento pedagógico. Como aponta Antunes (2018):"A reestruturação do trabalho no capitalismo contemporâneo tem aprofundado a lógica da flexibilização, da polivalência e da precarização das condições laborais."

Essa lógica também está no chão da escola, afetando diretamente o ofício de ensinar. O professor é empurrado para fora do centro do processo educativo, transformado em executor de tarefas administrativas, tutor de plataformas digitais ou mediador de conteúdos fragmentados. Girotto (2015), ao refletir sobre o ensino de Geografia, alerta que a perda de espaço curricular não é apenas um empobrecimento da formação dos estudantes, mas também uma forma de desvalorização simbólica do professor da área. Ensinar Geografia é ensinar a ler o mundo, e retirar essa leitura crítica do currículo é uma forma de calar vozes e visões contra hegemônicas.

Junto desse processo, ainda tem a desigualdade territorial que marca o sistema educacional brasileiro. As condições de trabalho docente variam muito entre as diferentes regiões da cidade, evidenciando que o adoecimento também se distribui geograficamente. Como reforça Ribeiro (2021), ao discutir a territorialização das políticas públicas educacionais, "é impossível dissociar a precarização da educação da configuração desigual do território. Há um nexo direto entre onde a escola está e o quanto ela sofre."

Desse modo, a análise do adoecimento docente exige o cruzamento entre questões pedagógicas e políticas espaciais. A leitura territorial se mostra fundamental para compreender como os efeitos da reforma do ensino médio e da precarização do trabalho docente se expressam de forma localizada e concreta.

5. A GEOGRAFIA COMO LEITURA DO MUNDO E ESPAÇO DE RESISTÊNCIA

A Geografia escolar é mais do que um componente curricular. Ela é uma ferramenta fundamental para que os estudantes compreendam o espaço em que vivem, as relações sociais e as contradições que o produzem. Ensinar Geografia é, portanto, um ato político, é formar leitores críticos do mundo, capazes de localizar, intervir e resistir.

Por isso, o esvaziamento da Geografia no currículo escolar não pode ser lido apenas como uma "redução de carga horária". Trata-se de uma estratégia de apagamento do pensamento crítico na escola. E esse apagamento impacta não apenas os estudantes, mas também os professores que veem seu campo de atuação sendo desvalorizado. Segundo Girotto (2015, p. 38), "quando o espaço da Geografia é reduzido, perde-se também a possibilidade de promover a formação de sujeitos capazes de problematizar as relações sociais e as desigualdades que atravessam o território."

O professor de Geografia, ao ver sua disciplina sendo colocada à margem, passa a lidar com sentimentos de inutilidade e frustração, elementos que se somam ao adoecimento físico e emocional já presentes na profissão. A Geografia é, também, um campo de resistência. Ela permite denunciar a lógica excludente da cidade, refletir sobre a ausência de políticas públicas nos territórios populares e construir alternativas pedagógicas conectadas com as realidades dos estudantes. Como diz Paulo Freire (1996, p. 91): "Ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo, a autenticidade, o testemunho vivo."

O professor de Geografia carrega esse testemunho, de quem ensina com o corpo inteiro, com a memória, com o território. Por isso, seu adoecimento não é só biológico, mas também pedagógico, pois se dá quando o espaço do saber crítico é removido, quando o educador deixa de se reconhecer no que ensina.

Neste trabalho, defende-se que é necessário considerar o adoecimento dos professores de Geografia como um processo de negação do valor de sua prática e de sua identidade profissional. A defesa da saúde docente passa, assim, pela reafirmação do papel da Geografia na escola pública, como ciência do espaço vivido, do território em disputa.

6. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

A cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, é o espaço onde esta pesquisa foi desenvolvida. Com uma população de aproximadamente 833 mil habitantes (IBGE, 2022), João Pessoa é marcada por contrastes territoriais profundos: bairros com infraestrutura consolidada convivem com periferias marcadas por ausência do Estado, desigualdade social e precarização dos serviços públicos. Essa realidade desigual se expressa também nas escolas da rede estadual.

As unidades escolares analisadas neste trabalho fazem parte da 1ª Gerência Regional de Educação (GRE), que abrange escolas de diferentes zonas da cidade: das áreas periféricas, os bairros mais afastados da malha urbana e uma pequena parcela nos bairros mais ricos. De acordo com os referenciais teóricos desta pesquisa é possível constatar que cada escola carrega em si marcas territoriais, sociais e pedagógicas que influenciam diretamente a saúde dos seus profissionais.

A pesquisa se apoia nos dados coletados através de um formulário aplicado aos gestores escolares dessas unidades, durante o segundo semestre de 2024. Embora o instrumento não contemple a escuta direta dos professores, os indicadores de afastamentos revelam dinâmicas territoriais do adoecimento, permitindo traçar um panorama da realidade vivida na escola, enquanto trabalhador docente, especialmente os da disciplina de Geografia.

Além da diversidade espacial, há também diversidade nas condições de trabalho, algumas escolas dispõem de quadros completos, apoio pedagógico, infraestrutura básica e outras operam em situações complicadas, com carência de professores, sobrecarga administrativa, alta rotatividade docente e contextos de violência urbana no entorno. Ao longo da análise, essas características serão discutidas com base nos dados fornecidos, permitindo uma leitura mais sensível e situada do adoecimento docente.

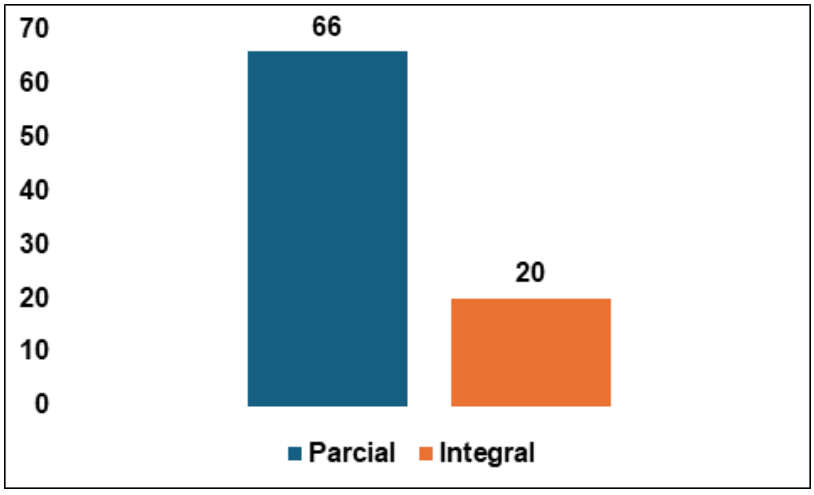
7. RESULTADOS E DISCUSSÃO

7.1. Panorama geral das escolas participantes

A análise do conjunto de dados provenientes das 86 escolas estaduais (Gráfico 1) participantes da pesquisa permite traçar um panorama inicial sobre o adoecimento docente no município de João Pessoa no segundo semestre de 2024. Ao todo, as escolas somam 1.966 professores(as) atuando nos ensinos fundamental e médio, e deste total, 135 docentes solicitaram afastamento por licença médica no período analisado, o que corresponde a 6,87% do corpo docente.

Esse índice revela um cenário preocupante, sobretudo por se tratar de um único semestre letivo. A frequência dos afastamentos reforça a ideia de que o adoecimento docente não deve ser encarado como evento isolado, mas como um fenômeno recorrente e estrutural. As condições de trabalho, as exigências institucionais, a intensificação das tarefas e a precarização da profissão contribuem para esse quadro.

Gráfico 1.Número de escolas por regime: parcial x integral.



Fonte: Autor com base em dados da SEECT-PB (2024).

A participação das escolas foi essencial para garantir a amplitude e a confiabilidade dos dados coletados. O alcance do formulário permitiu um mapeamento expressivo de instituições com características territoriais diversas, situadas em regiões centrais, periféricas, de zona urbana e com distintos perfis sociais. Essa diversidade permite uma leitura mais precisa sobre como o adoecimento docente se manifesta em diferentes contextos dentro da mesma rede.

É importante destacar que o número de escolas participantes representa 96,63% das instituições sob responsabilidade da 1ª GRE no município de João Pessoa.

7.2. Total de professores e volume de afastamentos

De acordo com os dados consolidados, as 86 escolas envolvidas na pesquisa somam um total de 1.966 professores(as) atuando nos ensinos fundamental e médio. Desse total, 135 professores solicitaram licença médica no segundo semestre de 2024, o que representa aproximadamente 6,86% do corpo docente. Esse índice é significativo, principalmente quando se considera o curto período de tempo analisado (apenas um semestre), evidenciando que o adoecimento docente é uma realidade concreta e frequente no cotidiano escolar.

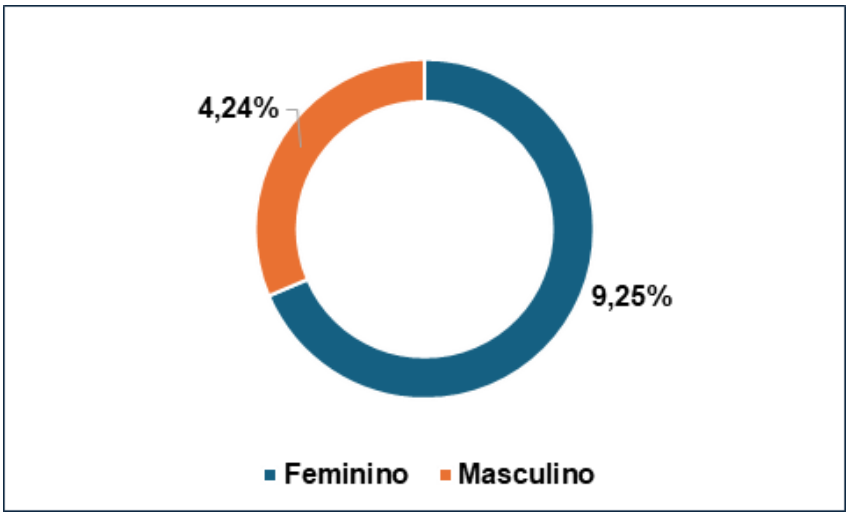
A análise quantitativa desses dados permite refletir sobre os impactos da organização do trabalho docente nas condições de saúde dos profissionais. Ribeiro (2021) destaca que a intensificação das tarefas e a exigência constante de produtividade geram desgaste físico e emocional, levando muitos docentes ao afastamento por motivos de saúde. Além disso, o número expressivo de licenças pode estar relacionado às mudanças recentes na estrutura curricular, à sobrecarga emocional e às dificuldades enfrentadas pelos professores diante das reformas educacionais, como é o caso do Novo Ensino Médio - NEM (Girotto, 2024).

A existência de 135 afastamentos em um único semestre aponta para uma situação que não pode ser tratada como exceção, mas sim como parte de um processo estrutural que afeta diretamente a saúde do trabalhador da educação. Esses dados reforçam a necessidade de pensar políticas públicas que promovam melhores condições de trabalho, acompanhamento psicológico e valorização profissional.

7.3. Distribuição por gênero

Dos 135 afastamentos registrados no segundo semestre de 2024, 93 foram de professoras (69%) e 42 de professores (31%). A princípio, esse dado pode sugerir apenas que as mulheres adoecem mais. No entanto, é fundamental analisar essa informação com base na proporcionalidade entre o número de profissionais de cada gênero na rede estadual de João Pessoa. Segundo dados da Secretaria de Educação, o quadro de professores da rede estadual da cidade é composto por 1.005 mulheres e 991 homens. Com isso, o índice de afastamentos médicos entre as mulheres corresponde a 9,25% do total de professoras, enquanto entre os homens esse índice é de 4,24% (Gráfico 2). Ou seja, proporcionalmente, as mulheres adoecem mais que o dobro dos homens.

Gráfico 2. Proporção de afastamentos por gênero (intensidade de adoecimento).



Fonte: Autor com base em dados da SEECT-PB (2024).

Esse dado reforça que o adoecimento docente não é apenas uma questão de números absolutos, mas revela desigualdades estruturais de gênero no trabalho. A atuação profissional das mulheres nas escolas costuma estar entrelaçada com demandas afetivas, pedagógicas e sociais, como o cuidado com os estudantes e com o ambiente escolar. Essa lógica é resultado de uma estrutura patriarcal que naturaliza o cuidado como responsabilidade feminina, estendendo ao espaço da escola a mesma sobrecarga enfrentada no ambiente doméstico. Isso contribui diretamente para o desgaste psicológico e o adoecimento mais frequente das professoras.

Além disso, muitas professoras enfrentam uma jornada de trabalho ampliada: são responsáveis pela casa, pela família e, ao mesmo tempo, pelas múltiplas funções exercidas na

escola. Como afirmam Oliveira (2020) e Ribeiro (2024), a sobrecarga feminina no magistério é uma realidade que precisa ser considerada na formulação de políticas de saúde voltadas à educação, com ações específicas para o acolhimento, o cuidado e a valorização desses profissionais.

7.4. Afastamentos por componente curricular

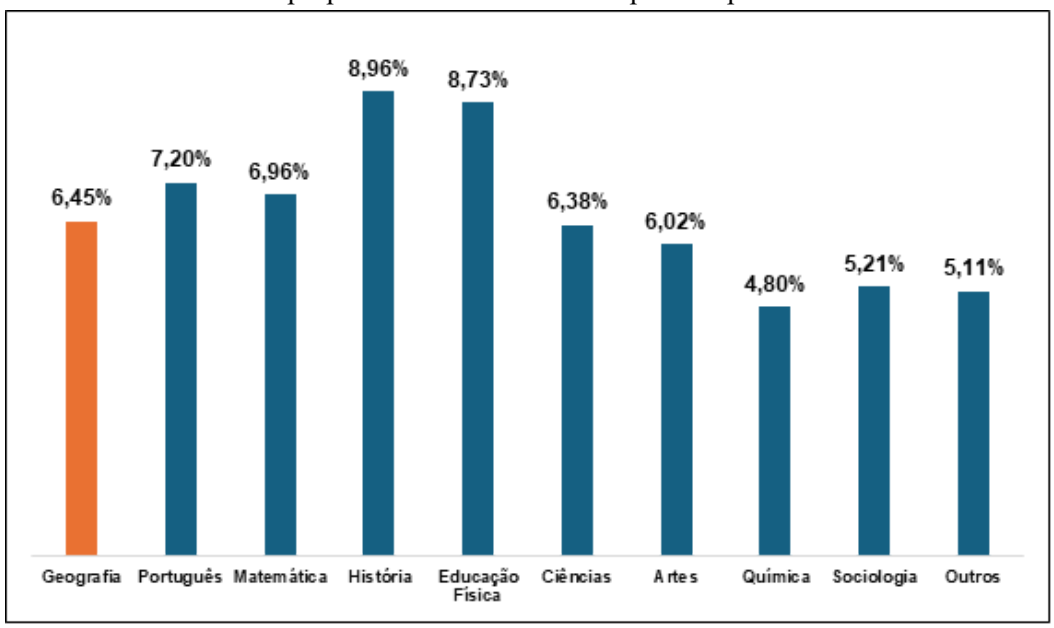
A análise da distribuição dos afastamentos por componente curricular evidencia desigualdades entre as áreas do conhecimento. Foram identificados afastamentos em diversas disciplinas, sendo possível observar tanto o número absoluto quanto a proporção de casos em relação a quantidade de professores de cada área.

Dentre os dados obtidos, destaca-se que História (8,96%) e Educação Física (8,73%) apresentaram os maiores percentuais de afastamento, mesmo sem figurarem entre as disciplinas com maior número de professores. Esse cenário pode estar associado a especificidades dessas áreas, como o esforço físico exigido na prática da Educação Física ou o enfrentamento de temas socialmente sensíveis em História, o que impõe maior desgaste emocional aos docentes.

A Geografia, disciplina foco deste trabalho, apresentou 10 afastamentos entre 135 professores, correspondendo a 7,41% do total. Esse percentual, embora inferior aos de História e Educação Física, ainda é expressivo, especialmente quando se considera o contexto amplo de precarização das condições de trabalho.

As disciplinas de Português (7,20%) e Matemática (6,96%) apesar de contarem com os maiores números absolutos de professores, também apresentam percentuais elevados de afastamento, revelando que a pressão institucional nessas áreas centrais do currículo não pode ser desconsiderada. Já os menores percentuais foram registrados em Química (4,80%) e outros (5,11%), grupo que agrega componentes com baixa frequência na carga horária das escolas, tais dados podem ser observados no gráfico 3.

Gráfico 3. Taxa proporcional de afastamento por componente curricular



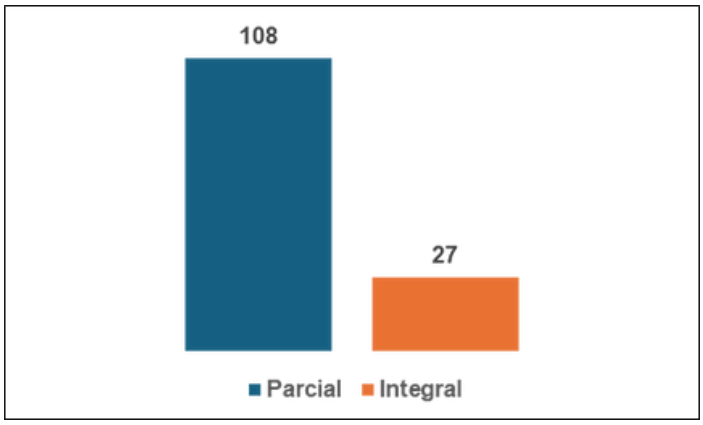
Fonte: Autor com base em dados da SEECT-PB (2024).

Esses dados revelam que o adoecimento docente não está vinculado apenas ao número de professores por disciplina, mas às condições específicas de trabalho impostas a cada área. A análise demanda, portanto, uma leitura que considere as particularidades de cada componente curricular, reconhecendo a necessidade de intervenções institucionais que promovam ambientes mais saudáveis e sustentáveis para o exercício da docência.

7.5. Comparação entre escolas de tempo parcial e integral

Das 86 escolas estaduais de João Pessoa participantes da pesquisa, 66 funcionam em regime de tempo parcial e 20 em tempo integral. A análise do número absoluto de afastamentos revela que as unidades de tempo parcial concentraram 108 dos 135 casos registrados (80%), enquanto as escolas integrais responderam por 27 casos (20%), representados no gráfico 4.

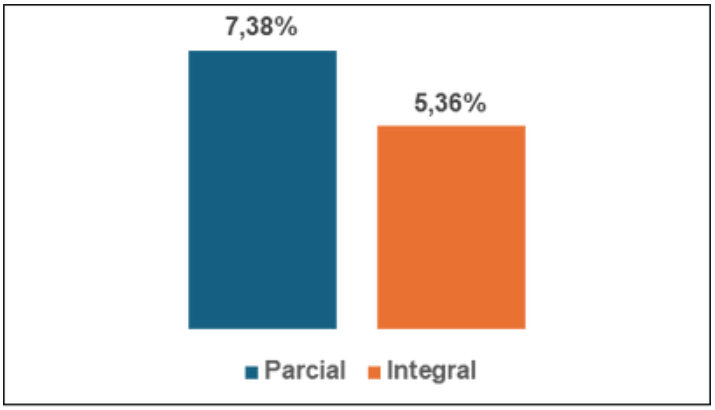
Gráfico 4.Afastamentos por tipo de escola (absoluto).



Fonte: Autor com base em dados da SEECT-PB (2024).

No entanto, quando consideramos o total de professores por regime de funcionamento, observamos que a intensidade proporcional de adoecimento ainda é maior nas escolas de tempo parcial, mas com uma diferença menor proporcionalmente: enquanto 7,4% dos docentes dessas unidades se afastaram, nas escolas de tempo integral esse percentual foi de 5,4% (Gráfico 5). Essa diferença indica que as escolas parciais são mais numerosas, e também apresentam maior propensão ao adoecimento docente.

Gráfico 5. Intensidade de adoecimento por tipo de escola (%).



Fonte: Elaboração própria com base em dados da SEECT-PB (2024).

Diversos fatores podem estar associados a esse cenário. A maior rotatividade de

docentes, o número elevado de turmas, a ausência de ações regulares de formação continuada e a sobreposição de responsabilidades pedagógicas nas escolas parciais são elementos que contribuem significativamente para o desgaste físico e emocional desses profissionais. Como destaca Oliveira (2020), o ambiente de trabalho precário, aliado à pressão por resultados e à sobrecarga de atividades, constitui um dos principais fatores de risco para o adoecimento no magistério de forma crítica e territorializada, considerando tanto a quantidade de escolas por tipo quanto a lógica de funcionamento de cada modelo. As escolas integrais não estão imunes ao adoecimento docente, ao contrário, são frequentemente espaços de acúmulo de exigências. Por outro lado, as escolas integrais, embora com menor número de afastamentos declarados, também enfrentam desafios. Muitos professores dessas unidades são submetidos ajornadas ampliadas, acúmulo de funções, reuniões constantes e encargos extracurriculares.

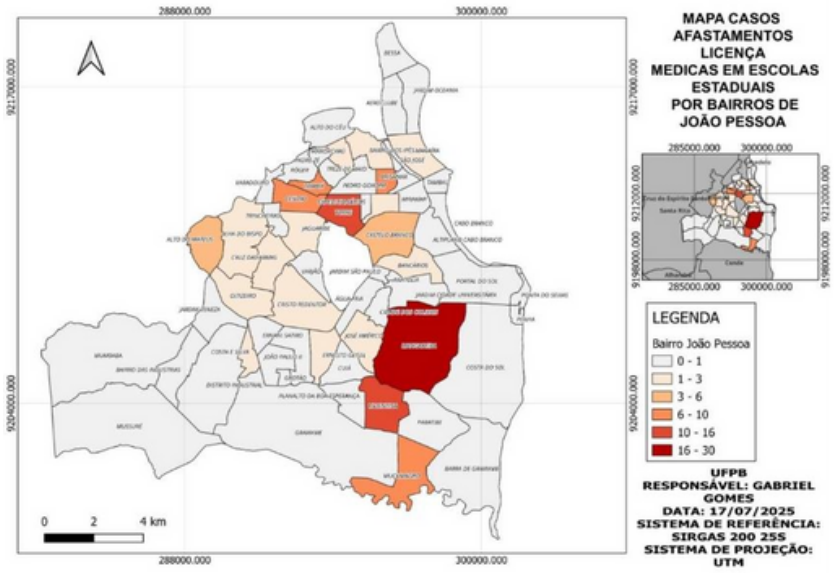
7.6. Territorialidade e concentração dos afastamentos: o espaço urbano como

expressão das desigualdades educacionais

A distribuição dos afastamentos (Figura 2) por licença médica entre professores da rede estadual de ensino de João Pessoa, quando observada sob uma perspectiva territorial, revela padrões que extrapolam a esfera individual e apontam para desigualdades estruturais no espaço urbano da cidade.

A partir da análise espacial da localização das escolas estaduais e dos registros de afastamentos por licença médica na cidade de João Pessoa, foi possível constatar uma clara concentração desses afastamentos em bairros classificados como periféricos. Dos 34 bairros considerados na pesquisa, 29 são periféricos, abrigando 58 das 86 escolas estaduais da amostra. Os bairros centrais como Manaíra, Bancários, Tambauzinho, Portal do Sol e Altiplano concentram apenas 5 escolas estaduais, um número significativamente inferior.

Figura 2. Distribuição dos casos de afastamento docente por bairro em João Pessoa (PB).



Fonte: Autor com base em dados da SEECT-PB (2024).

Esse dado revela mais do que uma diferença numérica: evidencia a desigualdade histórica na distribuição da rede pública estadual, diretamente relacionada à lógica excludente de urbanização da cidade. Bairros centrais, geralmente de maior renda, contam majoritariamente com escolas particulares, enquanto os bairros periféricos concentram o atendimento estatal. Como observa Maricato (1995), as metrópoles brasileiras reproduzem uma lógica de cidade fragmentada, onde os serviços públicos se concentram em áreas populares, e o acesso à infraestrutura privada se consolida nas regiões de elite.

Além da maior presença de escolas nas periferias, é nesses territórios que os índices

de adoecimento docente também se intensificam. É possível observar na tabela 1 o quantitativo de afastamentos por localidade no município de João Pessoa (PB).

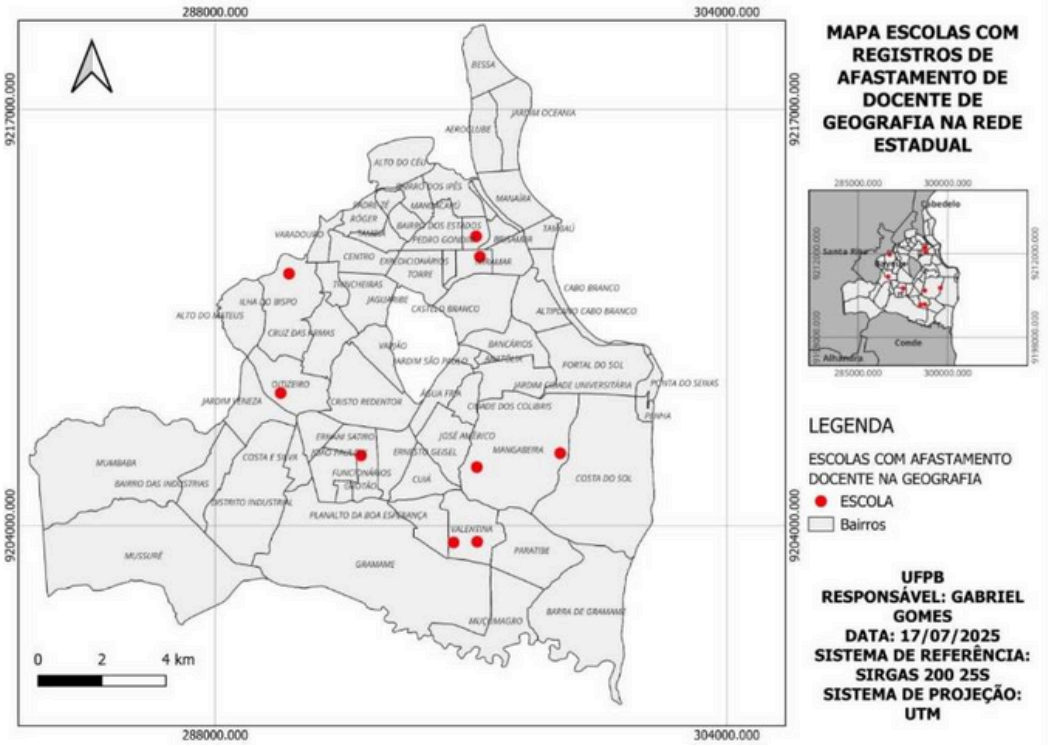
Tabela 1. Quantidade de registros de afastamento por bairro.

Bairro	Registros de Afastamento
Magabeira	34
Torre	15
Valentina	12
Tambiá	9

Fonte: Autor (2025).

Quando analisamos especificamente os afastamentos de professores de Geografia, os mesmos padrões se repetem. As escolas que registraram afastamentos nessa disciplina também se localizam, majoritariamente, em bairros periféricos (Figura 3). Essa constatação reforça que o adoecimento docente não se distribui de maneira homogênea pela cidade, mas segue o traçado da desigualdade urbana.

Figura 3. Escolas com Registros de Afastamento de Docente de Geografia na Rede Estadual.

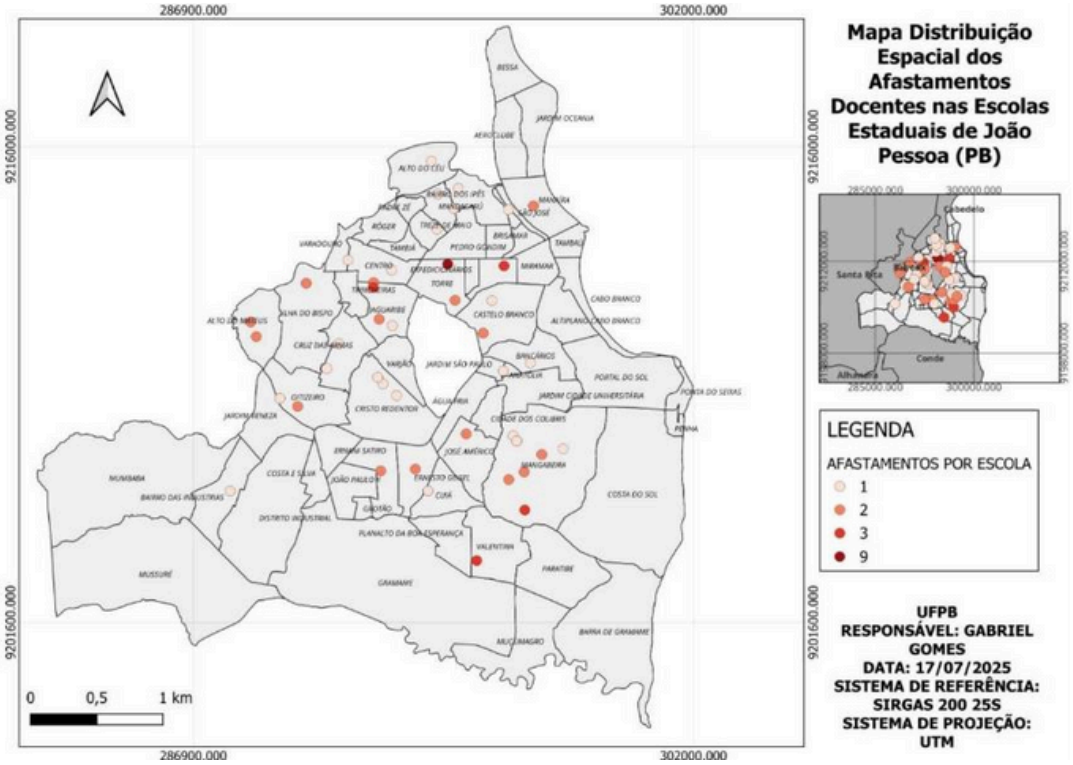


Fonte: Autor com base em dados da SEECT-PB (2024).

Essa territorialização dos afastamentos aponta para um fenômeno que não pode ser compreendido apenas sob a ótica da saúde individual. Como enfatiza Santos (2002), o espaço é indissociável das práticas sociais que nele ocorrem. Ou seja, os territórios onde se concentram as escolas públicas são também os territórios da precarização, da sobrecarga e da invisibilidade. A ausência do Estado nas regiões centrais, neste caso, se traduz não apenas na escassez de equipamentos educacionais, mas também na concentração de suas consequências em áreas periféricas.

Para aprofundar mais ainda essa questão, é possível verificar na figura 4, a distribuição espacial dos afastamentos docentes por escola estadual na cidade de João Pessoa (PB). A cartografia permite visualizar com maior precisão a concentração dos afastamentos e sua relação com os bairros do município, contribuindo para a compreensão da relação entre território, saúde e educação.

Figura 4. Distribuição Espacial dos Afastamentos Docentes nas Escolas Estaduais de João Pessoa (PB).



Fonte: Autor com base em dados da SEECT-PB (2024).

A espacialização dos afastamentos revela padrões importantes. Nota-se que há escolas com maior número de licenças médicas em bairros como Mangabeira, Valentina e Torre, regiões que, embora distintas em perfil socioeconômico, concentram unidades escolares com expressivo número de docentes afastados. Por outro lado, alguns bairros centrais como

Manaíra, Tambaú e Altiplano não registram afastamentos, o que também está relacionado à escassa presença de escolas estaduais nessas áreas, onde predominam instituições privadas de ensino.

A análise do mapa, portanto, evidencia a desigualdade territorial na oferta de escolas públicas e seus reflexos sobre a saúde dos professores, conforme argumenta Ribeiro (2021), ao tratar das vulnerabilidades estruturais presentes nos contextos periféricos das cidades brasileiras.

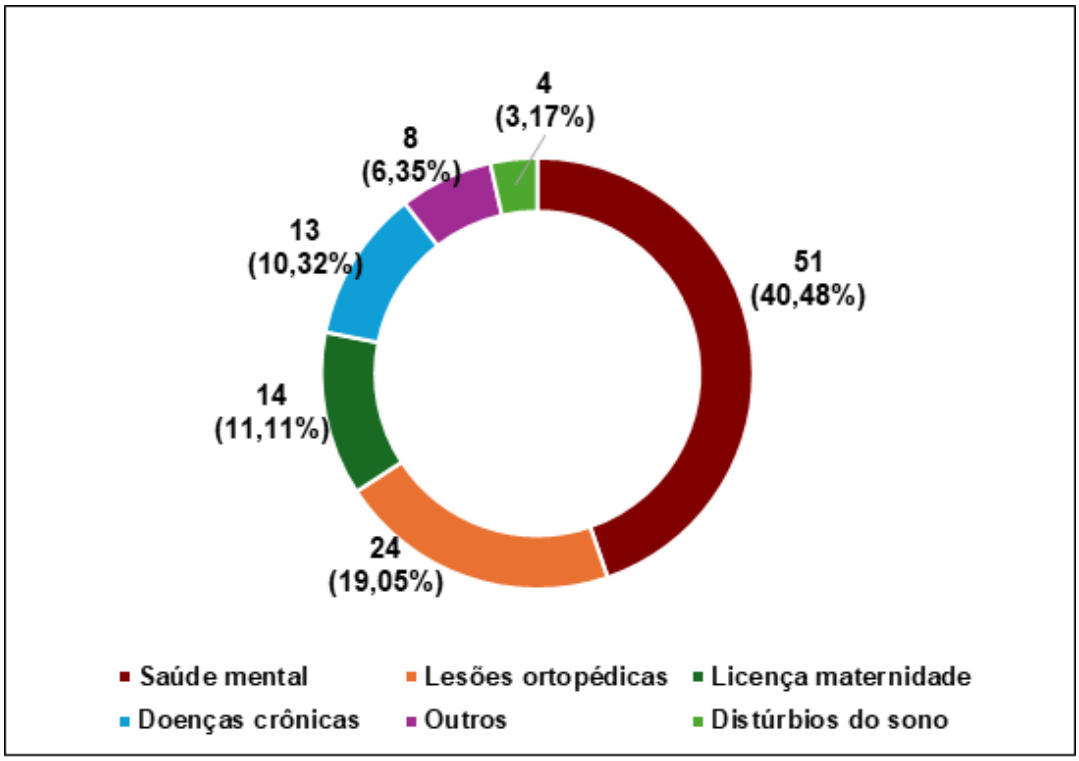
7.7. Natureza dos afastamentos

A análise das justificativas apresentadas pelos gestores escolares revelou que os afastamentos docentes no segundo semestre de 2024 estão associados a uma diversidade de causas, que vão desde condições clínicas crônicas, transtornos mentais e emocionais, além de licenças de gravidez. Dada a complexidade dos relatos, optou-se por realizar duas abordagens complementares, uma quantitativa por ocorrência de cada causa, e outra qualitativa sobre a combinação de múltiplos fatores em um mesmo profissional.

7.7.1. Análise por tipo de causa (ocorrências isoladas)

Ao todo, foram identificadas 114 ocorrências de causas distintas em 96 respostas. Isso significa que alguns professores apresentaram mais de uma causa de afastamento. As causas foram agrupadas por tipo e podem ser vistas no Gráfico 6.

Gráfico 6. Distribuição percentual das causas de afastamento docente na (ocorrências isoladas).



Fonte: Autor com base em dados da SEECT-PB (2024).

Esses dados confirmam o que diversos autores vêm alertando: a saúde mental dos professores é a dimensão mais afetada no exercício da docência. Ribeiro (2024) e Ribeiro (2021) destacam que o ambiente escolar tem se tornado um espaço adoecedor, com exigências que extrapolam a prática pedagógica e impactam diretamente o equilíbrio

emocional dos trabalhadores. Para Ribeiro, Dutra e Marques (2024, p. 107), “o sofrimento psíquico vivido pelos professores está ligado a uma lógica institucional que exige cada vez mais, mas oferece cada vez menos em termos de acolhimentos, reconhecimento e condições reais de trabalho”.

7.7.2. Afastamento por múltiplas causas

Dentre as 96 respostas analisadas, 23 casos apresentaram duas ou mais causas de afastamento no mesmo professor. As combinações mais frequentes envolvem:

➢ Ansiedade + dores crônicas ou lesões ortopédicas
➢ Burnout + distúrbios do sono
➢ Ansiedade + doenças respiratórias
➢ Problemas emocionais + baixa imunidade ou infecções repetidas

Esses cruzamentos reforçam a ideia de que o adoecimento docente, não se trata apenas de uma condição física ou psíquica, mas de um conjunto de fatores relacionados ao contexto institucional, a condições de trabalho e a própria lógica produtivista da escola contemporânea. De acordo com Ribeiro (2021), o professor adoece em um ambiente que exige produtividade constante, desconsiderando os limites humanos e as necessidades subjetivas dos trabalhadores. A escola, nesse modelo, deixa de ser um espaço de acolhimento e passa a operar como um centro de pressão contínua.

Segundo o mesmo, “o professor não adoece apenas por estar sobrecarregado, mas por ser colocado em uma posição onde seu trabalho é constantemente desvalorizado, deslegitimado e desconectado de sua função formativa” (Ribeiro, 2021, p. 83). Essa realidade dos dados da rede estadual de João Pessoa, exige que a saúde do professor seja tratada como prioridade nas políticas públicas. Os números não devem ser vistos apenas como estatísticas, mas como reflexo de uma estrutura educacional que precisa ser revista, com foco em valorização, cuidado e dignidade profissional.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal analisar o adoecimento docente nas escolas estaduais de João Pessoa, com ênfase nos professores de Geografia, a partir dos afastamentos registrados no segundo semestre de 2024. Por meio de um formulário aplicado aos gestores escolares, foram coletados dados sobre o número de professores afastados, suas áreas de atuação, o gênero, o tipo de escola e as causas declaradas para as licenças médicas.

A abordagem metodológica permitiu uma leitura ampla e aprofundada do fenômeno, combinando a análise quantitativa dos dados com uma leitura qualitativa fundamentada em autores que discutem o trabalho docente, o sofrimento psíquico e a precarização nas redes públicas de ensino. A territorialização dos dados, proporcionou uma compreensão geográfica do adoecimento, revelando que os afastamentos se concentram em determinadas regiões da cidade, com vínculos com as desigualdades urbanas.

Os resultados revelaram que os afastamentos docentes estão ligados a causas de ordem emocional e física, com destaque para os transtornos mentais como ansiedade e depressão. A Geografia, disciplina central deste trabalho, aparece com número significativo de casos, revelando os impactos da desvalorização curricular imposta pelas reformas educacionais, especialmente o Novo Ensino Médio.

Além disso, observou-se que embora as escolas de tempo parcial concentrem a maior parte dos casos de licença médica, as de tempo integral enfrentam um tipo distinto de sobrecarga, com ampliação da jornada, acúmulo de funções e desconfiguração das disciplinas. Essas condições geram sofrimento, nem sempre traduzido em afastamentos formais, mas que precisa ser debatido e enfrentado pelas políticas públicas. A cartografia do adoecimento docente apresentada nesta pesquisa reforça que o espaço escolar está inserido em um território social mais amplo, e que o cuidado com o professor precisa ultrapassar os limites da escola e dialogar com as realidades urbanas, institucionais e pedagógicas de cada comunidade.

Como encaminhamentos, sugere-se que novas pesquisas aprofundem o cruzamento entre saúde docente e território, incluindo análises mais específicas sobre o perfil dos professores adoecidos, como a saber a idade do profissional, se é efetivo ou contratado e os efeitos do Novo Ensino Médio nas solicitações de licença médica. Além disso, recomenda-se que a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba promova ações de escuta, prevenção e valorização da saúde mental dos docentes, sobretudo em territórios vulneráveis e áreas que

vêm sofrendo com a sobreposição de reformas e precarizações.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES,Maria Tereza. **Adoecimento docente e sofrimento ético no contexto escolar.** São Paulo: Cortez, 2021.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital.** São Paulo: Boitempo, 2018.

ARROYO, Miguel. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de professores.** Petrópolis: Vozes, 2004.

ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens.** Petrópolis: Vozes, 2011.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O novo ensino médio e a reconfiguração da prática docente.** Curitiba: Appris, 2021.

DOURADO, Luiz Fernandes. **Políticas de Ensino Médio no Brasil: cenários e perspectivas.** Campinas: Autores Associados, 2020.

FRANCO, Túlio Batista;MERHY, EmersonElias. **O trabalho em saúde: olhando e experienciando o SUS no cotidiano.** São Paulo: Hucitec, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIROTTO, Eduardo Donizeti. **EFEITOS DA IMPLEMENTAÇÃO DA REFORMA DO ENSINO MÉDIO SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA**:: percepção de docentes de 4 redes deensino deSãoPaulo. **Geo UERJ**,n.45,2024.

GIROTTO,Eduardo. **Ensinar Geografia é resistir: currículo, política e território.** SãoPaulo: Contexto, 2015.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2022**. Disponível em: https://www.ibge.gov.br. Acesso em: jul. 2025.

KATUTA, José. **Saúde do trabalhador docente e precarização nas redes públicas de ensino.** Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 9, n. 1, p. 40-56, 2015.

MARICATO, Erminia. **Metrópole na periferia do capitalismo. Ilegalidade, desigualdade e violência**. Capital & Class, v. 23, n. 3, p. 182-185, 1999.

MARQUES, Ana Carolina. **Educação e resistência: memórias de professores da EJA.** 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

MÉSZÁROS, István. **Educação para além do capital.** São Paulo: Boitempo, 2005.

OLIVEIRA, Carolina de. **Território e sofrimento docente: entre os dados e o silêncio.** Revista Currículo e Território, João Pessoa, v. 7, n. 2, p. 37-51, 2020.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, John Carlos Alves; DUTRA, Renata Dias; DE OLIVEIRA MARQUES, Ana Carolina. **TRABALHO DOCENTE NEOLIBERAL E ADOECIMENTO MENTAL SOB O ENFOQUE DA GEOGRAFIA DA SAÚDE DO TRABALHADOR.** Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais (2238-3565), v. 13, n. 1, p. 100-118, 2024.

RIBEIRO, John Carlos da Silva. **Educação, território e vulnerabilidade social: desafios da política pública em contexto periférico.** João Pessoa: UFPB, 2021.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. Edusp, 2002.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento.** In: CASTRO, Iná Elias de et al. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. p. 77-116.